ANNO I — Ovar, 25 de Agosto de 1910 — NUMERO 50

Regenerador Liberal

SEMANARIO MONARCHICO

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao "Regenerador Liberal„ — OVAR

COMPOSTO E IMPRESSO NA Typ. Fonseca & Filho Rua da Picaria, 74 — PORTO

DIRECTOR e PROPRIETARIO
Amadeu Peixoto Pinto Leite
SECRETARIO da REDACÇÃO
Manoel Maria Correia Vermelho

ASSIGNATURA
Em Ovar (anno) . . . . . 1$000 reis
Com estampilha (anno) . . 1$200 »
Brazil e Colonias . . . . . 1$500 »

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal, a 60 reis a linha, largura d'uma columna. Annuncios e communicados, 20 reis; repetições 10 reis. Annuncios permanentes, contracto especial.
Redacção e Administração
Largo de S. Miguel—OVAR

P'RA FRENTE

Está averiguado. O unico partido d'ordem e de solida e fagueira esperança para a salvação d'este paiz é o regenerador-liberal. Todos o reconhecem e só lamentam que o seu fundador, que é o mais distincto homem publico d'esta nação — João Franco — não tenha tido aquella inflexibilidade ferrea, que se lhe attribuia, nas ante-vesperas da tarde do regicidio.

Na noite de 28 de janeiro do anno fatal da emboscada do Terreiro do Paço foi um erro ter contemplações com a infame canalha que tramára a revolução.

Ter-se-hiá assim evitado o mais espantoso crime da nossa historia e, de certo, que hoje estivessemos a braços com a mais assustadora crise economica e moral da nossa vida de nação.

João Franco não quiz dominar a sentimentalidade do seu coração de chefe de familia, para que sómente operasse o homem publico, o chefe de governo! Pretendeu furtar á desgraça muitos lares, poupando á carruagem d'uma noite que elle não tinha preparado paes, filhos, esposos, irmãos, noivos, que imprudentemente se lançaram na perigosa aventura de desthronar um rei e transformar antes do raiar d'aurora, bruscamente, as instituições oito vezes seculares d'uma nação.

Não o quiz. Na noite de 28 foi poupado o sangue dos inimigos do rei e da patria, no dia 1.º de fevereiro a covardia republicana assassinava d'emboscada um monarca e um principe innocente e obrigava na surpreza mais inesperada da sua vida, vencido, desalentado, a demittir-se das cadeiras do poder, a mais fiadora esperança da nossa decadente patria, que assim ficou entregue á exploração dos famintos e ambiciosos sem consciencia nem dignidade. E ha tres annos que ella dura e o brio nacional anciando nas vascas d'agonia!

De todos os ministerios que succederam já ao 1.º de fevereiro de tão execranda memoria, nem um só que se mostrasse digno da situação e com vontade de a melhorar, ahi surgiu. Por isso a fé nos governos, baniu-se de todo da alma d'este povo. Os mais atilados, os que ainda não abdicaram de todo, o interesse pelo bem do seu paiz, esses fazem justiça á sinceridade e valor de João Franco. E por todo esse paiz fóra já vai lavrando a convicção de que só o partido regenerador liberal poderá ainda fazer alguma coisa. A intelligencia, a honestidade e o caracter só se encontram nas suas fileiras, á sombra da sua bandeira. Distinguiu-se sempre pela maxima tolerancia, pela maxima liberdade bem comprehendida, em cujo espirito desejou ser inspiradas todas as leis, a que sempre devotou o maximo respeito, condições sem as quaes não pode existir ordem social, progresso, civilisação.

Está averiguado; todo o paiz o sabe, embora nem todos tenham a coragem de o confessar.

*

E então todo o bom patriota deve dar-lhe o seu apoio. Convicções e palavras, nada valem sem a acção.

Devemos todos trabalhar pelo resurgimento d'este paiz, alistando-nos no unico partido que poderá realisar tal resurgimento. Congreguemo-nos todos em roda da bandeira immaculada do partido regenerador liberal.

A occasião não póde ser mais azada.

As eleições de 28 podem ser a determinante d'essa bella resolução.

Vamos á urna pelo partido regenerador liberal.

Pelos seus candidatos.

Pela felicidade d'este paiz.

Como protesto contra um governo que se bandeia com os inimigos da patria.

Com os regicidas.

Com os incendiarios e auctores de todos os crimes que nos teem feito lá fóra o nome d'um paiz selvagem.

Votar pelo partido regenerador liberal e alistar-se nas suas fileiras, é fazer parte d'uma explendida cruzada contra os bandidos que nos teem arrastado pela lama de todas as infamias e pretendem abysmar-nos no sorvedoiro, d'onde se não resurge, do descredito e da ruina material.

Portuguezes, sejamos corajosos e sob a bandeira do nosso partido vamos, sem desanimos, para a frente, crentes que, apesar de tudo, o nosso mal ha de ter ainda remedio.

ELEIÇÕES

Os candidatos da colligação liberal pelo circulo de Aveiro são os srs.:

Alexandre de Araujo Correia Telles de Albuquerque.
Antonio Rodrigues Nogueira.
Conde de Agueda.
Conde de Arrochela.
João Pereira de Magalhães.
José Paulo Monteiro Cancella.
Pedro Mousinho de Mascarenhas Gaivão.

Os candidatos apresentados pelo partido Regenerador-Liberal

Vianna do Castello: José Torres.
Bragança: Adriano Accacio de Madureira Beça.
Porto (oriental): José da Cunha Rolla Pereira.
Porto (occidental): Annibal de Andrade Soares.
Braga: Ernesto Jardin de Vilhena.
Aveiro: Pedro Gaivão.
Coimbra: Ruy Ennes Ulrich, Augusto Pereira do Valle.
Arganil: Fernando Augusto Miranda Martins de Carvalho.
Vizeu: Antonio José Teixeira d'Abreu.
Lamego: João Baptista Ferreira.
Castello Branco: José Maria Joaquim Tavares.
Leiria: Carlos Saccadura Botte Pinto de Mascarenhas.
Santarem: José Joaquim de Castro.
Lisboa (oriental): Guilherme Ivens Ferraz, Manuel Duarte.
Lisboa (occidental): Alvaro da Silva Pinheiro Chagas, Henrique Mitchell de Paiva Couceiro.
Setubal: Antonio Maria de Sousa.
Portalegre: Adriano Augusto da Silva Monteiro.
Evora: Antonio Carlos Coelho de Vasconcellos Porto.
Faro: João Lucio Pousão Pereira. José de Figueiredo Zuzarte de Mascarenhas.

Eis os candidatos propostos pelo partido Regenerador-Liberal e que fazem parte dos outros candidatos da colligação eleitoral.

O governo ganha as eleições

Diz o *Ovarense*, orgão governamental ao pé da *Discussão*, que o governo *deve ter uma grande maioria*. O motivo dil-o elle, falando das eleições no dia 21 do corrente, oito dias antes das eleições, como se fallasse de pescada que já o era antes de o ser. Diz o dissidente governamental:

> «Nunca se fizeram as eleições com tanta liberdade e sem a menor violencia, como agora.»

Responde-se com alguns capitulos da historia da menor violencia:

O escrivão de fazenda em Rezende, o cacique Antonio Martins, para arranjar votos para o governo tem mandado chamar ao seu gabinete os interessados *promettendo-lhes* eliminar os nomes da matriz, roubando assim a nação na compra de votos governamentaes.

—

O sr. João Machado Carneiro, influente eleitoral em Vieira, foi obrigado pelo ministro da fazenda a sair da sua terra por 2 mezes, mandando-o servir durante esse tempo na repartição de fazenda de Castello Rodrigo, onde nem o seu voto poderá dar ao seu partido.

—

Ao abbade de S. Silvestre, despachado pelo governo Beirão para Alhandra, tendo já pago os direitos de mercê ao governo, não lhe é dada a carta regia pelo Teixeira se elle e toda a sua freguezia não votarem no governo.

O prior e a freguezia de S. Silvestre protestaram contra a nojenta arbitrariedade.

—

O visconde de Alijó, o ex-pharmaceutico do Douro, actualmente director technico da Companhia Vinicola, lá anda ás ordens do Teixeira, como um saltapocinhas piegas, a fazer colheita de votos governamentaes, aproveitando a sua qualidade de *provador* de vinhos para obrigar os lavradores a deitar no governo. Effectivamente do Visconde d'Alijó depende a boa ou má fortuna do viticultor, visto depender das informações do provador a collocação dos vinhos. A direcção da Companhia insurgiu-se contra esta attitude politica do caixeiro-viajante-dourado, que a Vinicola traz ao seu serviço.

—

Em Manteigas grassa dolorosamente a febre typhoide, que tem feito enorme numero de victimas. O sr. delegado de saude, Antonio Augusto Pereira de Mattos, que por signal está tambem atacado de typho, pediu providencias ao governador civil da Guarda, Motta Veiga. Este respondeu, em telegramma, isto que recortamos do *Liberal:*

> «Presidente do conselho responsabilisa-se pela construcção de um hospital definitivo. Em troca o que nos dão? Votam no governo?»

Anda peste n'um concelho? E' necessario um hospital? O hospital apparece se promettem votar no governo!

Que immoralidade e que governo!

—

O governo transferiu de Vidigueira para Vianna do Alemtejo, o secretario da administração, o sr. Mello, progressista, para que este e os seus amigos não votassem na colligação liberal.

Ha por ahi um pobre diabo qualquer que não intende deitar no governo? O governo pega n'elle e muda-o para outra terra, onde esse diabo não tem voto nem amigos!

Só por causa da liberdade do voto!

—

O governo do Teixeira, temendo que o inspector da circumscripção escolar de Coimbra, o sr. Albino Cabral, trabalhasse, na cidade do Mondego, onde tem sympathias, a favor do bloco eleitoral, encarregou-o de uma syndicancia em Chaves.

Assim o sr. Albino Cabral lá vae para Chaves, ou Casco de Rolha, simplesmente para deixar campo livre aos votos que o governo quer comprar em todo o paiz.

—

Mais um regedor republicano acaba de nomear o governo teixeirista *monarchico* para a freguezia dos Martyres (Lisboa). Teixeira tem regedores republicanos ás duzias, administradores ás dezenas. Agora mais um regedor para a corda do sino. E' o sr. José Nunes, pharmaceutico na Rua do Arsenal, em Lisboa, republicano dos quatro costados e... reparem bem, *thesoureiro da junta republicana da freguezia dos Martyres!*

Querem assim ou com mais môlho?

—

A Irmandade de Nossa Senhora da Hora (Mattosinhos) desejava que o governador civil do Porto, o sr. José Arroio, lhe approvasse o orçamento. Este orçamento não estava organisado segundo a lei, e contra elle haviam varias reclamações justas. Pois o governador civil approvou o orçamento debaixo da condição de os mezarios trabalharem a favor do governo nas eleições!

Já viram politica mais sarrafaçal e manhosa?

—

O fiscal dos impostos em Melgaço, o sr. Bento Boaventura Rodrigues. por não ser affecto ao governo, foi transferido para Bragança. Assim é que é.

—

Antonio Augusto de Campos Andrade, é republicano de tres costados e meio. O governo do sr. Teixeira acaba de o aproveitar para administrador de Mertola! Ou o governo emparveceu ou a carestia de correligionarios é um facto.

—

Em Torres Vedras, na freguezia de S. Mamede, o prior trabalhava a favor da colligação. Ao sair da egreja, o prior, Padre Benjamim Cerqueira, era esperado pelo sr. Belford, deputado governamental, que desejava bater no abbade. O povo rodeou o seu parocho e não deixou funccionar o marmeleiro do marmelo deputado. O povo está iritadissimo com a basofia do deputado Belford.

—

Ha tempos a *Cooperativa União de Viticultores de Portugal*, arranjou com o governo o cambalacho da emissão de mil contos de obrigações, com juro garantido pelo Estado.

Ha pouco a *Cooperativa* requereu para lhe ser consentida a emissão de outros mil contos; mas o governo, na phrase pittoresca do *Seculo* abanou as orelhas, e a *Cooperativa* ficou desapontada.

Recentemente appareceu a noticia de que vae ser auctorisada pelo governo a emissão de 500 contos, com garantia do Estado.

O nó gordio foi desfeito por uma lista eleitoral composta de individuos affectos á *Cooperativa* que vae deitar no governo.

Mais quinhentos contos para os alicerces do governo.

Aqui tem o *Ovarense* a *liberdade* e a *violencia* com que se *fizeram* as eleições que se hão fazer d'aqui a tres dias! E isto é simplesmente a decima millionesima parte do quarto das injustiças, soburnos, tranquibernias, compras e vendas que o governo tem feito e fará para se poder equilibrar na corrente de antipathias em que navega.

Eleições

Ha entre el-rei e o povo
Por certo um accordo eterno.
Forma el-rei governo novo,
Logo o povo é do governo
Por aquelle accordo eterno
Que ha entre el-rei e o povo.

Graças a esta harmonia,
Que é realmente um mysterio,
Havendo tantas facções,
O governo, o ministerio
Ganha sempre as eleições
Por enorme maioria!

Havendo tantas facções,
E' realmente um mysterio!

João de Deus.

Portugal exposto a mais uma vergonha

O governo do Teixeira expoz-nos mais a uma vergonha. Nomeou para nosso ministro na França o sr. João Arroio, sem préviamente consultar o governo francez.

O decreto da nomeação foi assignado, mas a França deu com os pratos na cara do rei, do governo e do Arroio.

Tolices em toda a linha, estamos n'um paiz de doidos.

Governador Civil

Foi demittido o governador civil d'este districto, sendo nomeado para o seu logar um juiz dissidente, que dava sentenças no Seixal, lá p'r'as bandas de Lisbôa.

Curto foi o *reinado* do Dr. Vaz Ferreira.

Dizem todos que o nosso administrador tambem... foi empalmado pelo sr. Dr. Fragateiro. Não tem duvida.

Ao menos já vê gente (sem offensa) que pesca da regedoria, á frente das *administradorias* cá da terra.

EXPEDIENTE

Avisamos os nossos presados assignantes de que vamos proceder á cobrança do 2.º semestre.

Esperamos que a sua boa vontade em nos auxiliarem nesta lide pelo bem d'uma terra tão carecida de energias e abnegações que a engrandeçam como merece, d'um paiz tão abatido pelo banditismo politico sem escrupulo nem brios, esperamos de todos, repetimos, que a sua boa vontade de nos auxiliarem evitará a devolução dos recibos e que nos sobrecarreguem novas despesas de segundo aviso.

Desde já nos confessamos muito obrigados.

=DE CAVACO=

- Muito bem. Agora é que estamos entre a cruz e a caldeirinha, meu caro. Já hoje é quinta. D'aqui a dois dias temos eleições pela prôa! Tu não escapas a ellas, evidentemente?!

—Escapas, a quê?

—A's eleições. Pois tu não tens voto, não és portuguez, não amas a patria, não comprehendes os teus deveres civicos, como os outros?

—Pois sim, mas...

—Que diabo! Pergunto-te se não vaes ás eleições no domingo, no dia 28, é o que eu te pergunto.

—Eu? ás eleições domingo? votar? Eu votar? Votar por quem e para quê?

—E' um dever, um dever sagrado que a patria requer dos seus filhos.

—Dizes bem! Se as eleições em Portugal representassem alguma cousa de real de verdadeiro, de patriotico e positivo! se as eleições fossem a resultante da vontade popular!

—Então o suffragio não é uma cousa real, positiva e patriotica?

—Andas na lua, meu visionario.

—Não é tanto assim ..

—Qual não é tanto assim, homem. Olha: isto em Ovar dá vontade de os mandar a todos pentear macacos. E' verdade que falta ao povo a educação civica; é facto que o povo portuguez não comprehende, como os bois ou os carneiros, a sua força, a interferencia que o seu voto pode desempenhar nos altos designios d'um governo e no futuro da patria...

—Lá isso é verdade, mas...

—Mas em Ovar alem da falta d'esta educação e da comprehensão errada do voto, temos ainda a luctar contra a falta de dignidade dos dirigentes, contra o alastramento da corrupção partidaria e vaidade pessoal que se tem vindo encarnando na cabeça dos doutores, dos casacas, dos politicos de profissão, que para ahi vemos, remexendo-se na lama mais abjecta:

—Mas vamos ao fim do discurso, homemsinho. Estás hoje como o frei José do Couto a prégar ás beatas. Desembaraça-te e acaba!

—Olha, meu caro toda esta minha prosa cifra-se a pouco. Reduz-se tudo isto a dizer-te que não vale a pena votar na nossa terra, porque, alem da falta de dignidade nos homens, ha sobretudo a falta de caracter nos politicos. A falta de caracter, comprehendes?

—Mas, então isso é desgraça geral, meu velho.

—Entre o povo ha mais caracter, mais comprehensão politica, do que entre os politicos de profissão. Em Ovar Campos Henriques tinha um feudo. Todos os *cachingós*, mesmo depois da morte do Aralla, eram henriquistas. Campo Henriques fora chefe do partido só n'esta terra. Campos Henriques é hoje politico e não arredou um passo da politica de Fontes. Vilhena a mesma cousa. Representa a attitude de Hintze...

—Está bem, mas o que queres tu agora?

—D'esses *Henriquistas*, uns deixaram-se seduzir pelas promessas do Teixeira (alliado aos republicanos e aos alpoinistas, tomando parte na revolta de 28, destinada a levantar a republica e a matar a tiro a familia real). E o pennacho da regedoria de meia tigella veio cahir-lhe em casa. Os outros ficaram entre os dez e as onze. D'estes outros, outros começaram a mexer-se. E como gostavam muito de dar ordens e mandar, mesmo dentro dos bastidores, encostaram-se ao *regedor*. Outros que têm gente de familia para sentar á meza do estado, e que não souberam, tendo boa occasião para isso, arranjar a collocação ambicionada, encostam-se ao grupo e ajudam a crescer o monte do teixeirismo, matraqueado agora por gente extranha ao partido regenerador.

—Mas não percebo essa linguagem sybbilina.

—Tu perceberás, tu perceberás. Véem mais outros que, já não tendo *Estrumadas* para negociar, e no intervallo d'um lanço, ou n'uma maré de mar ruim, se anicham no concilio dos deuses, não levados pelo amor da terra, mas pelo odio pessoal do adversario atroz que lhe fez comer lume, em tempos.

—Sim, isso é verdade. A politica em Ovar é muito mesquinha, lá isso é. Não passa d'um joguete de ambições ou de estribo para satisfazer vinganças...

—Outros, que, por tradição de familia conjugada á mesma politica, deviam representar a nobre feição partidaria dos seus antepassados, dizem-se republicanos e ostensivamente fazem politica contra as instituições.

—Alto lá. Dizem-se republicanos, mas trazem os creados a pedir votos a favor do governo.

—Pois sim. Mas não sabes que o governo agora é republicano... accidentalmente, pelo menos?

—Mas vamos ao fim da conversa; põe ponto final no *Cavaco*. N'este andar, de cavaco passa a foeiro, de foeiro a mastro de navio!...

—E nada mais tenho a dizer... Eu voto na colligação monarchica. Não sou muito affecto aos progressistas do burgo nem de fora do burgo; mas no partido progressista local ha alguma cousa de ordem, de connexão, de inteireza e talvez... de dignidade relativa, não sei se me intendes!

—E no partido do governo?

—Odios mesquinhos, ceias fóra d'horas, cartas de bacharel com manchas de vinho ordinario, muita prosapia, muita farronca, muito genio avinagrado, muito estomago ao pé da bocca...

—E nos progressistas não ha nada d'isso?

—Pode haver. Mas ha um arraes só ao leme e a quem se deve e póde pedir responsabilidade... se o barco dér em secco ou abalroar.

No tempo do Aralla, havia um homem só que dirigia o partido e que se entendia com o governo. Os vultos subalternos, como o Manuel Joaquim e outros dependiam d'elle. Hoje o partido do Aralla é um partido acephalo.

—Lá isso bate certo.

—E sem cabeça não ha juizo, sem juizo não ha politica, sem politica...

—Mas tapa a bocca e deixa-te de coisas. Fntão em quem devo votar?

—Olha, meu amigo, por mais que para ahi digam, pintem e barafustem, estamos reduzidos a este dilema. Votar no Rei ou na Republica. Se és monarchico vota na colligação monarchica, no teu Rei nas tradições seculares que a historia conhece como Realeza. Se és republicano vota no Teixeira de Sousa, que é votar na Republica. Olha bem o que te digo. O futuro, e futuro bem breve, dará a prova real do que affirmo.

—Está bem, está bem...

—Não attendas ás promessas dos politicos, não te deixes seduzir pelos cantos de sereia dos *casacas* de todas as côres que te fallam com carinho, com attenção e deferencia simplesmente quando te vão pedir o voto. Despreza com orgulho todas as *lérias e carinhos* e promessas dos *caciques* e segue o caminho que te traçar a consciencia quando tiveres de lançar o teu voto, na urna, d'aqui a tres dias. E' o que te digo.

Pilhagem... muito prudente

Não acham prudente esta caçada ás licenças de uso e porte d'arma aos inimigos politicos do governo?

Vae um pandego qualquer pedir as respectivas licenças e pagar os *respectivissimos emolumentos* e vem agora o sr. administrador *caçar* as licenças que cada um traz no bolso!!!

Martyres conhecidos até hoje:

Augusto da Costa e Pinho, José Luiz Veiga, José da Silvade Mattos (filho).

Martyres futuros...?

Agora é que o *24 d'Aveiro* pode manobrar á vontade!

Praia do Furadouro

No proximo domingo, 28, realisa-se n'esta praia uma *tournée*, promovida pelos banhistas, em que haverá corridas pedestres e em bicycletas, de saccos e argollas. Haverá valiosos premios, entre elles uma bella medalha de prata, destinada ao vencedor da corrida de argollas.

A inscripção para os concorrentes encontra-se aberta no Furadouro e em Ovar no hotel Cerveira e na mercearia do mesmo nome. Principia ás 4 horas da tarde.

A nossa orientação

E' toda inspirada no amor da nossa terra e no bem deste paiz. E' claro. Esta pretenção não é uma demasia para as nossas humildes faculdades. Não. O paiz forma-se de milhares de municipios regidos pelas mesmas leis geraes, mas differindo no grau de cultura e civilisação. Ora melhorar estas, é contribuir para a cultura e civilisação do paiz. E' incutir-lhe na consciencia o conhecimento dos seus deveres e direitos, eleval-o á comprehensão da sua dignidade e de tudo aquillo que o póde ajudar, aperfeiçoar e engrandecer.

Para isso temos feito bagagem de todos os principios que todo o verdadeiro intellectual que apenas se deixa guiar pela sua razão livre de preconceitos, no nosso caso abraçaria. Temos sido crentes e fieis seguidores da religião catholica. Pelas suas verdades temos empenhado muito das nossas energias. Tolerantes com todos temos sido intransigentes com o erro, de forma que a consciencia nos não accusa de frouxidão ou falta de respeito para com os nossos adversarios na fé.

Monarchicos tambem nos temos confessado, embora não abdicando da faculdade a que se devem submetter todos os principios, ainda mesmo os da fé, que S. Paulo chamou um *racionavel obsequio*. Somos monarchicos sem paixão.

Vemos que na conjunctura actual e a monarchia talvez a unica forma de governo que nos convem a nós portuguezes. E os principios monarchicos teem logar primacial entre os que nos regem. Dentro da monarchia seguimos o partido que todos reconhecem, até os proprios republicanos, por o mais honesto e digno do apoio de toda a gente.

Pelos seus principios, pelos da monarchia, e pelos da fé temos, pois, nós traçado o caminho a seguir; e com o maior desassombro temos avançado na sua esteira, sem um desfallecimento, procurando ser em tudo justos e sendo em tudo sinceros. Tem sido esta a nossa orientação: luctando pela fé e pela monarchia temos procurado á sombra da bandeira do partido regenerador liberal o bem deste concelho, a felicidade d'este paiz. Poderão os crentes e os monarchicos sem paixões partidarias reprovar a nossa orientação? Não. Poderão os intelligentes e amigos da justiça deixar de prestar preito á nossa sinceridade? Não. Poderão os sinceros e os bons desvirtuar as nossas intenções e propositos expressos neste jornal desde o seu apparecimento? Não, porque em toda a sua existencia ainda aqui não sahiu uma só linha que tal auctorisasse.

Quem poderá estar descontente com a nossa *orientação*, serão, talvez, as outras facções, pelo muito de amargo que lhes temos dito e diremos, inspirados sempre na verdade e na justiça; serão os desleixados que estão á frente das coisas publicas desta terra pelos termos chamado á responsabilidade dos seus actos, mostrando-lhes os crimes dos seus desleixos; serão os que tudo querem mandar nesta terra, guiando-se só pelas suas theorias, e despresando as indicações da opinião publica, que nem sequer auscultam; serão emfim todos aquelles que teem o seu proceder publico como um evangelho, indiscutivel, sentindo-se melindrosamente feridos á mais correcta, amiga e anodyna observação, que se lhes opponha. Para estes é errada a nossa orientação.

Pois bem. Seja.

Mas o nosso caminho está traçado. Se julgassemos o nosso jornal inutil na nossa terra elle não contaria mais um dia de vida. Porque, *se não é util o que fazemos, fazel-o seria loucura*. Infelizmente a imprensa conservadora e religiosa é hoje mais do que nunca necessaria em Ovar. Ha ahi jornaes com fartura, mas todos elles inimigos declarados ou simulados da fé e do rei. Em todos elles teem sido dirigidos ataques á egreja e ao monarcha, á excepção talvez dum. E um delles chega mesmo a editar sandices sobre o ensino da cathequese, sobre a Virgem e os dogmas, e não se envergonha de chasquear do sentimento religioso do povo.

Ficamos, por isso, na brecha emquanto podermos, embora nos sintamos sós. Não é o interesse vil do metal que nos alenta na refrega.

Não. Todos sabem que um jornal de provincia não dá dinheiro. Anima-nos a campanha aberta ou sulapada dos adversarios e o amor que votamos á causa que defendemos: religião e patria.

Violencias em Aveiro

Eram taes e tantas as violencias, subornos, injurias e poeiras levantadas em todo o districto de Aveiro pelo sr. Vaz Ferreira que este se viu na necessidade de pôr côbro a tudo isso dizendo ao sr. Teixeira de Sousa que não estava para ser joguete das pretenções do governo por mais tempo.

Egas Moniz mette-se na questão e induz o presidente de ministros a levar tudo a ferro e fogo. Teixeira de Souza pôz o sr. Vaz no olho da rua nomeando para governador civil um juizete qualquer, o sr. Alfredo Monteiro de Carvalho, amigo de Egas Moniz.

Vamos, pois, ter eleições á valentona.

Vaz Ferreira teve um consulado de 44 dias. Até á hora em que escrevemos não consta ainda que fosse demittido o novo governador Carvalho.

Parece que vae pedir a sua exoneração o administrador do concelho e commissario de policia d'Aveiro, o sr. Alferes Gaspar Ignacio Ferreira.

Dizem-n'os tambem que o administrador da Villa da Feira se quer ir embora.

Do de Ovar nada consta, por emquanto, porque mais vale um gosto na vida do que seis vintens na algibeira, como dizia a *Rosa Tyranna*.

Communicados

Recebemos um do Sr. Dr. Pedro Virgulino Ferraz Chaves, a que não podemos dar publicação neste numero em virtude de nos haver chegado tarde á mão. Sairá para a semana.

Exames do 2.º grau

Eis o resultado dos exames do 2.º grau de instrucção primaria realisados na escola do Conde Ferreira, desta villa:

Beatriz Alves da Silva, Hilda da Conceição Rodrigues, Leopoldina Maria Pinto Coelho, *approvadas*, e Maria Amelia d'Oliveira e Silva, *distincta*.

Alpheu Domingues d'Oliveira, Alfredo Guimarães Baptista, Alvaro de Barros Soares, *approvados*, e Americo Bento das Neves, *distincto*.

Maria d'Assumpção da Costa Segadães, Maria Aurora Ferreira de Barros, Maria Henriqueta Nunes de Almeida Santos, Marilia Lages da Cunha, *approvadas*.

Americo Ferreira Valente e Arthur Amaral dos Santos Pinho, *approvados*.

Antonio Dias Lopes e Antonio Alves Dias, *distinctos*.

Adelaide Gomes Pinto, Albertina Dias d'Oliveira e Cunha, Anna Lopes da Costa, Judith Lopes Brandão, *approvadas*.

Arthur Sebastião d'Oliveira, Domingos José Alves, Eduardo Osorio Pinto, Emygdio Domingues Gomes da Silva, *approvados*.

Maria Ascenção Dias Regalado, Maria Aurora Paulino d'Andrade, Maria do Ceu Batatel e Maria Eduarda Gomes d'Oliveira, *approvadas*.

Maria José Chaves Villas Boas, *distincta;* Maria José Ramillo, Maria Rosa de Jesus e Palmyra Maria de Rezende, *approvadas*.

Francisco Dias Pinhal, Joaquim Leonel da Costa Segadães, João Maria Tavares e Manuel Alves Luzes, *approvados*.

Manuel Alves d'Oliveira Fardilha, Manuel d'Azevedo, Manuel Cardoso da Silva Junior e Manuel Casal Ribeiro Junior, *approvados*.

O VOTO

Devemos votar?

E' de toda a opportunidade esta pergunta e o esclarecimento que vamos dar sobre a obrigação de votar.

Ao ouvirem juntar estas duas palavras *dever* e *voto*, alguns homens sentem uma forte tentação de riso. *Dever*, pensam elles, é uma ideia que pertence á consciencia; o *voto* sómente pertence á politica. E que tem que ver a consciencia com a politica?

Que tem que ver? Tem tudo. *Cidadão* e *christão* são duas pessoas ou uma só? Se são uma só e mesma pessoa, como poderá um homem fazer na vida publica o que lhe é prohibido na vida particular, como se o homem publico (o cidadão) fosse diverso do homem particular (o christão)?

Por mais que se declame e sophisme, não é possivel a duvida; não ha mais que um Deus, uma consciencia, uma responsabilidade moral.

Mas, dirá o leitor, dar o voto não é uma acção do dominio exclusivo da politica? Não, mil vezes não, pois liga com os interesses mais vitaes da religião e da sociedade. Por que? Porque no nosso systema, que é o constitucional, é ao eleitor que pertence eleger os depositarios dos poderes publicos e d'estes depende o bom ou mau governo da nação.

Falemos mais singelamente. E' o eleitor que nomeia o deputado, é o deputado que forma a camara, é a camara que faz as leis, são as leis que governam um paiz.

Se, pois, os legisladores se deixam dominar pelas doutrinas maçonicas ou liberaes, de quem é a culpa? *Dos que os elegeram com seus votos ou abstendo-se os deixaram eleger pelos restantes eleitores.*

Ouve-se dizer que a Egreja, e portanto o padre, não tem nada que ver com a politica. Ora honra seja aos Prelados que não tiveram medo de esclarecer os fieis sobre assumpto tão importante.

Chegou o tempo, diz o sr. Bispo de Tulle, é necessario falar claro; os fieis teem direito e obrigação de saber o que d'elles reclama a consciencia christã. Falou um Bispo e é-nos summamente grato ver revestida da auctoridade episcopal aquella doutrina que se deriva da moral social mais elementar.

Expliquemol-a em poucas palavras.

Ha obrigação de votar? Sim, ha, e esta obrigação, ainda que muitos o ignorem, é uma *obrigação imperiosa*. Por que? Porque traz comsigo consequencias da mais alta importancia, nada menos do que a conservação ou a destruição de tudo quanto ha mais sagrado. *Eis porque*, diz o Sr. Bispo de Tulle, *salvas raras excepções, ha obrigação grave de dar o voto, e portanto só um grave motivo é que d'ella nos dispensa.*

Mas então é coisa tão séria dar um voto? Por certo, não ha coisa mais séria do que esta, pois não ha nada que tenha consequencias mais numerosas e de maior alcance».

E' necessario votar

E' um *dever urgente*. Pois então querem que esperemos pela completa ruina da nossa patria para abrir os olhos? As iniquidades dos governos succedem-se umas ás outras. E qual é o unico meio de acabar com ellas? São as eleições, municipaes, districtaes e legislativas. Não falando numa intervenção extraordinaria da Divina Providencia (intervenção que raras vezes se dá e em momento a nós desconhecido) aqui está a unica salvação da Religião no nosso paiz.

Mas já ouço a desculpa ordinaria: *O meu voto que importa? Um voto mais ou menos que influencia tem no resultado final?*

A resposta é bem facil. Olha, eleitor, suppõe que todos dizem e fazem